



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Adeline José dos Anjos

**CONECTANDO COMUNIDADES POR MEIO DA DESCONSTRUÇÃO DO  
SILÊNCIO:** ações de uma biblioteca escolar e seus interagentes

João Pessoa  
2018

Adeline José dos Anjos

**CONECTANDO COMUNIDADES POR MEIO DA DESCONSTRUÇÃO DO  
SILÊNCIO:** ações de uma biblioteca escolar e seus interagentes

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Ciência da  
Informação, como requisito para obtenção  
do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Maria Amélia  
Teixeira da Silva

João Pessoa  
2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A599c Anjos, Adeline José dos.

CONECTANDO COMUNIDADES POR MEIO DA DESCONSTRUÇÃO DO  
SILÊNCIO: ações de uma biblioteca escolar e seus  
interagentes / Adeline José dos Anjos. - João Pessoa,  
2018.

45 f. : il.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Biblioteca escolar. 2. Cultura do silêncio. 3.  
Conexão social. I. Título

UFPB/BC

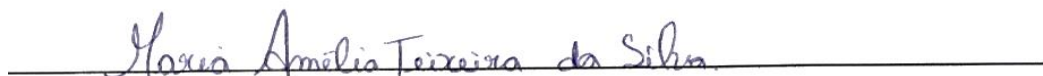
Adeline José dos Anjos

**CONECTANDO COMUNIDADES POR MEIO DA DESCONSTRUÇÃO DO  
SILÊNCIO:** ações de uma biblioteca escolar e seus interagentes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção  
do grau de bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciência da  
Informação da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 22/03/2018

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Ma. Maria Amélia Teixeira da Silva

Orientadora (DCI/UFPB)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosa Zuleide Lima de Brito

Membro Interno (DCI/UFPB)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosilene Agapito da Silva Llarena

Membro Externo

Dedico esse TCC aos meus pais, por estar ao meu lado todo o tempo, sendo meu exemplo de fé, determinação e luta pela vida. Amo vocês.

## AGRADECIMENTOS

Toda honra glória, majestade e louvor pertencem a Deus, sem o seu infinito amor e misericórdia esta trajetória não seria possível, a Ele a minha eterna gratidão, que a minha vida seja um instrumento usado em suas mãos.

Sou eternamente grata a minha mãe Ivaneide “minha Leu” e meu painho João, por todas as noites em claro, por todos os sacrifícios, esforços, sustos, lágrimas, paciência e principalmente pelas orações e súplicas a Deus pela minha vida. Aos meus irmãos Alice e Jonas, as minhas avós Zezé e Zefinha por todo amor que têm me oferecido durante toda a vida. Aos meus avôs por me deixarem tantas histórias, lições e recordações, as quais me servem de motivação para lutar, saudades.

Agradeço imensamente a minha orientadora, a quem carinhosamente chamo de Mel, obrigada por aceitar enfrentar esse desafio junto comigo, por direcionar meus pensamentos, sanar minhas dúvidas e instigar perseverança.

Aos meus coordenadores de estágio Ana Karla e a equipe do Setor de Periódicos da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (2015), Maria José da Biblioteca Setorial do Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal da Paraíba (2016-2017), Matheus Almeida e Germanda Catherine coordenadores na Maple Bear - João Pessoa, que dedicaram tempo e conhecimento para transmitir amor e sabedoria, trabalhando diariamente para minha capacitação e crescimento profissional. Assim como os gestores da Maple Bear – João Pessoa, pela oportunidade de fazer parte de um dos mais seletos grupos de profissionais da Paraíba, pelas orientações, por acreditarem e investirem no meu trabalho.

A família Mola, obrigada por me adotarem e cuidarem tão bem de mim, sem o auxílio de vocês esse caminhar seria mais árduo, sem tantas histórias divertidas, dramas, brigadeiros e gordices, vocês me ajudaram a crescer, que Deus vos recompense com infinitas bênçãos do céu.

Minhas poderosas Wellingta e Cilene por me aguentarem durante esses anos, nossos ataques, as loucuras, preocupações, medos, as opiniões diferentes só nos uniu, e fortaleceu essa parceria, vocês são um presente vindo do coração de Deus, vou levar vocês para a vida inteira.

Aos amigos que a biblioteconomia me permitiu conhecer, aos que conquistei ao longo do curso, nos estágios e eventos, dentre eles posso destacar os bibliotecários e amigos Jorge Cativo (INPA) e Daniela Spudeit (UDESC) que abriram meus olhos, me incentivam e orientam, a dar o melhor de mim enquanto pessoa e profissional, vocês são incríveis.

Meus amigos espalhados entre São Paulo, Pernambuco e Paraíba, obrigada pela compreensão, apoio e orações, essa conquista é nossa. Obrigada!

“Muitas bibliotecas estão apenas sobrevivendo ao invés de inovar, estão promovendo a paixão pela leitura ao invés de um empoderamento para os cidadãos” (David Lankes).



## RESUMO

A escola é uma das instituições que exercem a maior influência no desenvolvimento, moral, ético, cultural e intelectual do indivíduo. Considerando-a como setor ativo e contribuinte no processo de ensino e aprendizagem, torna-se indispensável a sua participação. Desta forma buscou-se desenvolver uma reflexão acerca da dinâmica no ambiente da biblioteca escolar, considerando o silêncio um dos fatores que tem sido perpetuado por gerações como um dos elementos característico da biblioteca. Esta pesquisa investiga o impacto da "prática do silêncio na biblioteca", sob a ótica dos professores do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) da escola Maple Bear - João Pessoa. Tendo como perspectiva traçar meios de gerir o silêncio na biblioteca escolar, de maneira que o ambiente permaneça acolhedor e atenda a necessidade dos interagentes da comunidade escolar. A presente pesquisa é considerada de natureza descritiva de cunho bibliográfico e participante, cuja abordagem caracteriza-se como qualiquantitativa. Diante dos resultados obtidos foi possível concluir que o silêncio é importante para o desenvolvimento de determinadas atividades, contudo é responsável por limitar a interação e a conexão dos alunos com a biblioteca, a qual atua como laboratório de aprendizados, trocas, construção de saberes e disseminação cultural.

**Palavras-chave:** Biblioteca escolar. Cultura do silêncio. Conexão social

## **ABSTRACT**

The school is one of the institutions that apply the greatest influence on the moral, ethical, cultural and intellectual development of each person. Considering it as an active and contributing ambient in the process of teaching and learning, its participation becomes indispensable. Along with that, we tried to introduce a reflection around the dynamics in the environment of the school's library, in which, considering the silence one of the factors that has been kept for generations as one of the main characteristic of the library. This research studies the impact of the "practice of silence in the library", from the perspective of elementary school teachers (1st to 5th year) of the Maple Bear School - João Pessoa. This is a perspective to work with the managing silence in the school's library, in a way that the environment remains cozy and meets all the needs of the school's community. The presenting research is considered to be descriptive nature in bibliographical and participant character, whose approach is characterized as qualiquantitative. According to the results obtained, it was possible to conclude that, the silence is important for the development of certain activities, but it is responsible for limiting the interaction and connection of the students with the library, which acts as a laboratory for learning, exchange, knowledge building and cultural dissemination.

**Key Words:** School's Library. The silence culture. Social connection.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	EMPODERANDO COMUNIDADES POR MEIO DAS BIBLIOTECAS	15
3	A CULTURA DO SILÊNCIO NOS ESPAÇOS INFORMACIONAIS: um olhar sobre as bibliotecas escolares	20
4	INTERAGENTES E A CONEXÃO SOCIAL: educando alunos e colaboradores	27
5	TRILHA METODOLÓGICA	32
5.1	Caracterização da pesquisa	32
5.2	Tipo de abordagem	32
5.3	Campo da pesquisa	33
5.4	Coleta dos dados	32
5.5	Procedimentos de Análise	32
6	ANÁLISE DOS RESULTADOS	34
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICE	44

## 1 INTRODUÇÃO

As instituições de ensino infantil e fundamental são entidades que auxiliam a formar e a transformar cidadãos. É na escola onde os alunos aprendem a viver em sociedade, construir pensamentos críticos, questionar, desenvolver habilidades, aptidões e gostos. Na sala de aula além dos conhecimentos pertinentes às disciplinas, os professores são responsáveis por proporcionar novos aprendizados, experiências e vivências de mundo.

A presença da biblioteca escolar nas instituições é um elemento indispensável, Nery (1989) traz em seu livro um pensamento que desperta a reflexão acerca da participação da biblioteca nas escolas. A autora aponta para o aumento considerável de recursos pedagógicos para auxiliar as atividades desenvolvidas junto aos alunos, que apesar dos avanços tecnológicos, não cabe mais às instituições menosprezar e excluirmos a participação ativa da biblioteca.

O bibliotecário deve buscar meios para impulsionar o uso do espaço e recursos da biblioteca pelos discentes, docentes e colaboradores. Desconstruir a visão cultural da biblioteca como local onde impera a leitura silenciosa, o individualismo e a restrição de diversão. É uma tarefa que deve ser desenvolvida por meio de ações que eduquem esse público, é importante estar atento e detectar oportunidades para promover novos serviços, agregar valor profissional e utilizar de forma eficiente os recursos disponíveis ainda que esses sejam limitados.

Um dos elementos culturais que têm caracterizado a biblioteca ao longo dos anos é a presença do silêncio, estudos de autores como Nunes (2007), Chartier (1988), Bastos; Pacífico e Romão (2011) apresentam elementos históricos acerca da cultura do silêncio e como se tornou uma prática tipicamente comum nas bibliotecas. A evolução da leitura como prática social, parte da oralidade para a repetição, passando pela leitura em voz alta até que os indivíduos letrados desenvolvessem habilidades para realizar a leitura silenciosa. A imposição do silêncio como atributo essencial e típico da biblioteca é um aspecto sociocultural que necessita passar por uma desconstrução, modificando o olhar e o modo de utilização do espaço da biblioteca.

A biblioteca é uma entidade que dispõe de suportes informacionais para impulsionar transformações de pensamento, sociais, culturais e políticas. Vivemos

numa sociedade que acarreta constantes mudanças e descobertas, o que torna primordial a construção e a disseminação do saber.

Comunidades podem ser entendidas como conjuntos de indivíduos ligados por interesses, credos, costumes e valores. Diversas comunidades compõe o público das bibliotecas, seja ela escolar, universitária ou pública.

Neste trabalho é empregado o termo interagente apresentado pela professora Elisa Corrêa (2014), que discorre sobre a evolução do sujeito enquanto participante ativo nos ambientes informacionais, o qual passa a não se satisfazer apenas com acesso e uso da informação individualista. De modo que o sujeito desenvolve a necessidade de construir de forma colaborativa e viver em comunidade. Ver-se que a nomenclatura “usuário” não mais abrange a realidade do público das bibliotecas, os quais possuem um novo perfil, o qual tem refletido no cotidiano dos bibliotecários. Em consequência dessas transformações, o bibliotecário tem buscado desenvolver novas habilidades e competências a fim de conectar comunidades no ambiente da biblioteca, permitindo o compartilhamento e a construção social, permitindo que sujeito o desenvolva aptidões para concepção e troca saberes.

A ideia do diálogo na biblioteca é uma das formas de conectar comunidades apresentadas por Lankes (2012), ele ressalta que bibliotecas estão além de locais que disponibilizam o acesso a livros ou serviços. A biblioteca tem a missão de empoderar comunidades, garantindo recursos para transformar realidades, tanto no âmbito educacional, econômico, cultural e político.

Desconstruir é desfazer, é permitir uma nova construção, uma nova versão. Ao apresentar uma proposta de desconstrução pretende-se aqui mostrar que o pensamento já fixo culturalmente acerca do ambiente da biblioteca, não se enquadra mais em sua realidade. A desconstrução de conceitos tradicionais, e a reconstrução junto à comunidade, permite a aproximação e a conexão daqueles que interagem com a unidade de informação, além de proporcionar visibilidade e valorização da biblioteca e do bibliotecário.

Conectar só será possível se houver a identificação das oportunidades de relacionamento e interesses. Conhecer e compreender o público são fatores essenciais para a naturalidade do fluxo de troca, evitando métodos de imposições. A forma que os interagentes são educados irá refletir de forma considerável na projeção da biblioteca.

Tendo em vista a responsabilidade profissional sobre a difusão dessa cultura e o modo como ela está inserida na sociedade, onde muitos bibliotecários (ou profissional direcionando para trabalhar no setor) tem o ato rotineiro de pedir silêncio nas bibliotecas, tornando perceptível a insatisfação de muitos indivíduos. É vital que o bibliotecário tenha em mente que cada pessoa tem uma especificidade que deve ser levada em consideração.

Crianças e adolescentes são responsáveis por grande parte da movimentação na biblioteca escolar, muitos estudos acerca da biblioteca escolar preocupam-se em investigar o déficit de recursos materiais e humano. Contudo nota-se que é preciso avançar, explorar oportunidades e meios de potencializar e enriquecer a biblioteca. Tal investimento reflete de forma significativa na imagem do bibliotecário diante da comunidade.

Com intuito de provocar uma reflexão acerca da cultura do silêncio despertando uma nova discussão acerca do papel da biblioteca escolar, buscou-se por meio desta pesquisa responder a seguinte questão: **como o bibliotecário pode gerir o silêncio na biblioteca escolar, de maneira que o ambiente permaneça acolhedor e atenda a necessidade de cada participante da comunidade escolar?**

Desta forma este estudo tem como objetivo geral investigar o impacto da "prática do silêncio na biblioteca", sob o olhar dos professores do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) da escola Maple Bear - João Pessoa. Vale ressaltar que este trabalho não tem a finalidade de propor a extinção do silêncio, nem excluir sua contribuição e participação no ambiente da biblioteca escolar.

Os objetivos específicos consistem em: compreender como se desenvolveu a cultura do silêncio nas bibliotecas, de maneira que veio a tornar-se um elemento característico de seu ambiente; propor a desconstrução das barreiras culturais do silêncio predominante, reeducando a comunidade escolar, constituída por alunos, educadores e colaboradores; desenvolver métodos e estratégias que auxiliem o bibliotecário escolar a gerir o silêncio na biblioteca.

O interesse em desenvolver esta pesquisa tem aspecto pessoal e profissional, partindo do convívio no ambiente escolar, observou-se que muitas crianças e adolescentes eram inibidos ante a prática de interagir, trocar opiniões acerca das leituras que realizavam e de compartilhar experiências de mundo. Onde alguns

educadores costumam vedar a presença do diálogo nas visitas com os alunos à biblioteca, com a justificativa que a utilização do ambiente necessita de silêncio.

A visão da biblioteca como um lugar cujo propósito é apenas a realização de leituras e estudos individualistas, impróprio para conversas e brincadeiras está culturalmente presente nos ensinamentos sobre a biblioteca. Esses aspectos que necessitam de atenção precisam ter seu contexto e impacto estudados. Essa visão sobre a finalidade da biblioteca reflete diretamente na função do bibliotecário na sociedade. Enquanto o profissional não buscar essa mudança, permanecerá a ideia do bibliotecário tirador de pó.

Essa pesquisa inicia fazendo um breve levantamento acerca do contexto histórico no que diz respeito à necessidade humana ante a busca pelo conhecimento. Apresenta-se a comunicação como estímulo para a criação dos suportes informacionais. O texto se desenvolve discorrendo sobre a preocupação em preservar os registros, e compartilhá-los com as futuras gerações. Nesta seção inicial nota-se o impacto das bibliotecas na sociedade e como elas afetaram o seu modo de vida.

Na segunda seção é apresentada a origem dos métodos de leitura, a fim de compreender como surgiu a cultura do silêncio nas bibliotecas. Desenvolve-se a reflexão acerca da prática do silêncio imposta como elemento cultural, e como pode afetar de forma negativa a construção do conhecimento.

Por fim, buscou-se trazer a biblioteca escolar como mecanismo capaz de conectar comunidades. Com a intenção de potencializar a construção e o compartilhamento de saberes no meio em que está inserida. Trazendo a biblioteca como setor ativo, e influente na democratização cultural, social e educacional dos alunos e colaboradores da instituição, essa seção tem o intuito de externar a necessidade de desenvolver relacionamentos com esses interagentes.

Compreende-se assim a importância de adequação da biblioteca diante dos interesses e da realidade do público. Assim como o investimento profissional em desenvolver habilidades para educar, atender, conectar e direcionar conforme as necessidades e especificidades de cada indivíduo, criando por fim uma rede de colaboração.

## 2 EMPODERANDO COMUNIDADES POR MEIO DAS BIBLIOTECAS

O homem sempre indagou a origem e o funcionamento das coisas, externando o desejo por novas descobertas, tornando a busca pelo conhecimento um dos fatores que tem movimentado a humanidade ao longo dos séculos. A produção do conhecimento está presente na vida da humanidade, instigando o indivíduo a desvendar o que até então lhe é desconhecido.

Percebe-se que um dos impulsos para o surgimento dos registros é a busca pela sobrevivência. Ao descobrir formas para desempenhar funções como caçar, fabricar utensílios, produzir fogo e plantar, o homem atenta para criar instruções para que esse conhecimento não se perca.

Desde os primórdios da evolução da humanidade, a informação, no sentido geral de comunicação, esteve presente através da técnica e da linguagem, ou seja, da maneira sobre como fazer determinados objetos, como roupas, armas, armadilhas, mapas, entre outros, e da forma de transmitir o conhecimento sobre esse fazer (FREIRE, 2006, p. 30).

A necessidade de comunicação pode ser considerada como o ponto de partida para a evolução dos suportes informacionais. Percebe-se que os objetos utilizados pelo homem para registrar as informações, sofrem modificações conforme as transformações sociais vivenciadas ao longo dos anos.

Contudo mantém-se a preocupação e a necessidade de desenvolver técnicas de linguagens, com objetivo de que a informação seja absorvida e compreendida por quem a receba, passando assim dos desenhos, para os símbolos, códigos até o alfabeto. As formas de linguagens sofrem adaptações a fim de que a mensagem transmitida seja recebida na íntegra.

A disseminação do conhecimento inicia por meio da oralidade. Comumente nas vilas e povoados os mais experientes, tinham a missão de transferir “todo o conhecimento” para os descendentes por meio de histórias, para Araújo (2002, p. 11) esse tipo de comunicação é até então o veículo fundamental para a transmissão do patrimônio cultural.

Esse veículo não era capaz de garantir a veracidade e durabilidade das informações, pois está condicionado ao tempo de vida do portador. Observa-se que



caso este sofresse uma morte precoce, existia o risco da perda de boa parte do conhecimento pertencente àquela comunidade.

Diante da necessidade de registrar o conhecimento até então adquirido, buscou-se formas para manter a memória do povo para as futuras gerações. Em seu trabalho Santa Ana (2015) diz que o homem pré-histórico fazia uso das paredes das cavernas para desenhar e esculpir, na antiguidade o homem passa a fazer uso de tabletes de argila, rolos de papiro e pergaminhos.

O autor traz em sua obra que é a escrita a responsável por revolucionar os suportes informacionais. Partindo disso o número de registros sofre um aumento considerável, levando o homem a pensar noutras questões que possam afetar a integridade da informação. Compreende-se que a escrita passa a impulsionar o fluxo de registros produzidos, a partir desse momento torna-se primordial desenvolver habilidades e mecanismos para garantir a durabilidade dos suportes.

A preocupação com a organização e a recuperação desses registros, começa a ganhar espaço, e com o passar dos anos o homem foi criando métodos para registrar, organizar e preservar informações. Buscando suportes que obtivessem maior durabilidade e resistência, e que permitissem a locomoção dos registros.

Como visto anteriormente, a forma com que as informações eram registradas variava de acordo com a tecnologia desenvolvida na época já que:

Historicamente, os suportes para a informação variaram de formato seguindo a tecnologia utilizada pelo homem. Já foram usados materiais como tabletas de argila, rolos de papiro e pergaminho e os enormes códices que eram enclausurados nos mosteiros medievais (MORIGI; SOUTO, 2016 p. 190).

O aumento da produção de registros informacionais, resulta na necessidade de criar locais constituídos inicialmente apenas para guardar os documentos. Até então a preocupação é manter num determinado lugar toda a produção feita pelo homem, para que nada fosse perdido.

Posteriormente esses locais passam a compor um ambiente conhecido como biblioteca cujo intuito inicial era agrupar uma variedade de coleções, independente do suporte informacional. Tal ambiente deveria ser capaz de armazenar e zelar pelos os documentos, mantendo além da sua integridade a sua importância cultural.

Ortega (2004) aponta que no terceiro milênio a.C, existem registros de agrupamento de coleções, que podem ser considerados pertencentes a primeira

biblioteca primitiva. Sendo ela a Biblioteca de Ebla, na Síria, descoberta em 1975, composta basicamente de textos científicos, administrativos e literários. Outras bibliotecas surgiram posteriormente, uma delas teve um marco histórico, famosa por buscar reunir conhecimento de todas as partes do mundo, a grande Biblioteca de Alexandria, tornou-se conhecida pela riqueza do seu acervo. Sofreu com diversos ataques que culminaram na sua destruição.

Para Ribeiro, Chagas e Pinto “a imprensa foi uma descoberta que marcou a história, não só pelo novo modo de disseminação da informação, mas como uma ferramenta que proporcionou mudanças sociais, políticas e psicológicas” (2007, p. 29). A criação da imprensa por Gutenberg por volta de 1440 viabilizou a comercialização e a difusão dos livros, além de proporcionar o acesso à informação.

A imprensa contribuiu para a formação de novas bibliotecas, como também para a descentralização do conhecimento pela igreja católica. Permitindo a democratização da informação e do modo de pensar.

A biblioteca moderna rompeu os laços com a Igreja católica, estendendo a todos os homens a possibilidade de acesso aos livros, com isso precisou se especializar para atender as necessidades de cada leitor ou comunidade, deixando de ser passiva, deslocando-se até o leitor, buscando entendê-lo e trazê-lo para a biblioteca (MARTINS, 2001).

O invento de Gutenberg transformou de forma significativa a realidade de uma sociedade, onde a moral e a ética eram ditadas pela Igreja católica, conforme os interesses políticos. O acesso à informação passa a permitir que as pessoas desenvolvam opiniões e se posicionem ante as pautas sociais, religiosas e políticas.

O relacionamento com o livro desperta olhares para novas realidades, onde a massa trabalhista começa reivindicar direitos, tal como liberdade de pensamento e expressão. Consequentemente desperta a necessidade de compartilhar saberes, expandindo o conhecimento entre a população. Pode-se dizer que a inserção do livro na sociedade, garantiu a construção de um caminho libertador.

As bibliotecas ainda são tratadas como santuário para os livros. O acesso de determinadas obras é de acesso restrito para as classes dominantes, ficando de fora mulheres e pobres. Numa época em que a mulher tem seu papel definido na sociedade, sujeita apenas aos trabalhos domésticos e aos cuidados familiares, o acesso à informação passa a modificar essa realidade. Surge então uma mulher que

buscar conhecimento, assim como uma classe trabalhista, que passa a ser revolucionária, se rebelando na busca pelos seus direitos e igualdades sociais.

O fortalecimento das comunidades resulta no aumento da sede pelo conhecimento, o que passa a refletir expressivamente no crescimento da produção documental existente. A partir de então é necessário à presença de profissionais capazes de orientar, mediar e desenvolver caminhos para que a produção intelectual tenha continuidade.

Nessa mudança paradigmática, as bibliotecas públicas passam a ser espaços de saber e empoderamento. Por isso, elas têm o enorme desafio de atender as necessidades informacionais de diferentes tipos de públicos, desde o infantil, cujas crianças estão começando a desenvolver seu gosto pela leitura, até os idosos que buscam na leitura uma melhor qualidade de vida (MARTINS, A. C. M. et al. 2016, p. 608).

Essa transformação cultural permite que ocorra um movimento que podemos chamar de empoderamento de comunidades, onde os indivíduos se posicionam enquanto seres pensantes e ativos na comunidade. Iniciando assim a colaboração social, o compartilhamento intelectual.

Diante das transformações sociais e tecnológicas vividas pela humanidade ao longo dos anos, nota-se que é indispensável à adaptação do bibliotecário quanto aos serviços biblioteconômicos. Disponibilizar, mediar e orientar já não é suficiente para atender o público das bibliotecas, estamos inseridos numa sociedade construtora, que evolui diariamente.

As bibliotecas passam a compor ambientes de socialização, capaz de atender comunidades diversas, que podem ser identificadas pela idade, gostos e necessidade informacional. Na proporção que as comunidades evoluem e transformam-se, a biblioteca deve buscar atendê-las levando em consideração a sua especificidade e interesses.

O que dizer dos benefícios que o compartilhamento e a troca de experiências institucionais podem trazer? Saber criar oportunidades, identificando ferramentas e processos que deem liberdade e capacidade para a comunidade construir junto do bibliotecário o processo de gestão da biblioteca, por muitos olhares, enquadra-se como um desafio. Além disso, o compartilhamento precisa ser engajado, logo, o papel do bibliotecário como influenciador de pessoas e de grupos ganha destaque na mesma proporção em que ele é desenvolvido pelo profissional (PRADO, 2016, p.139).

A transformação de ambientes ociosos em ambientes dinâmicos requer do bibliotecário a habilidade de identificar oportunidades e caminhos para repaginar a biblioteca. O compartilhamento é uma das ferramentas que está à disposição do profissional. Deste modo é interessante lembrar que, os sujeitos da comunidade seja ela qual for, são indivíduos sociais, que podem atuar em parceria com a biblioteca.

Em função disso o bibliotecário passa a atuar como educador, não mais mediando simplesmente o acesso a informação. Tendo como objetivo proporcionar meios para a construção de novos conhecimentos.

Visto que é a colaboração, o mecanismo que auxilia o despertar quanto ao empoderamento da comunidade. O acesso à informação, a aquisição e o desenvolvimento de novos saberes permite que os indivíduos passem a ser atuantes. O empoderamento permite que as comunidades se posicionem enquanto seres pensantes, em busca de suprir sua necessidade informacional, tornando-os independentes, para fazer uso dos serviços e ambiente da biblioteca.

A biblioteca evolui consideravelmente com o passar dos anos, algumas passam a contemplar serviços modernos relacionados à tecnologia, já outras permanecem com os serviços primários. Contudo existem elementos que caracterizam a biblioteca há décadas, tais como a presença do profissional carrancudo, os livros organizados, e a necessidade de silêncio no ambiente.

Como esses elementos tornaram-se características de bibliotecas durante tanto tempo? Como incorporaram em nossa cultura? Como e por que são disseminados até hoje nas escolas e na mídia?

### 3 A CULTURA DO SILÊNCIO NOS ESPAÇOS INFORMACIONAIS: um olhar sobre as bibliotecas escolares

Mesmo com a expansão do livro, a oralidade ainda é um veículo forte para disseminar cultura e o conhecimento. A ruptura da oralidade tem início na idade média, onde a prática da repetição começa a ser instigada, com intuito de que essa prática resultasse no desenvolvimento da leitura. A leitura é uma prática social, com diversas funções, dentre elas podemos destacar a aquisição de conhecimento individual, a transmissão de conhecimento de forma coletiva e a leitura como passa tempo, lazer.

O estado romano buscou a ruptura da leitura em voz alta promovendo a criação de escolas para meninos, as quais lembravam as contações de histórias realizadas nas praças por pessoas letradas, os ensinamentos aconteciam em ambientes externos. Nunes (2007) aponta que nessas escolas os alunos eram levados a repetições de textos em voz alta, a fim de que fossem decorados. Eram instruídos para desenvolver a habilidade de realizar leituras silenciosas. Contudo esse ensino limitava-se as famílias ricas, tal técnica de leitura vedaria o acesso a informação para a classe mais pobre.

**Figura 1** – Cena escolar no Fórum em Pompéia.



Fonte: O ensino em Roma. Disponível em: <[www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/ensinoroma/index.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/ensinoroma/index.htm)>. Acesso em: 16 jan. 2018.

Nunes (2007) continua seu discurso trazendo outra tentativa de ruptura da leitura em voz alta pelo estado romano, sendo ela a criação do primeiro sistema de bibliotecas públicas, contudo as vinte e oito bibliotecas não afetaram de forma significativa a prática social em questão. Um dos principais fatores que retardaram a busca do estado de frear o estímulo da leitura em voz alta, foi a Igreja Católica, sendo ela a instituição com grande influência na sociedade. A igreja busca voltar os interesses da leitura as questões religiosas, onde tal atividade deveria ser feita sobre supervisão e orientação, deste modo os interesses e credos da Igreja não seriam questionados ou sujeitos a outras interpretações.

Chartier (1988) afirma que a leitura silenciosa teve início nos mosteiros, por intermédio dos copistas, os quais receberam orientações sobre a necessidade de realizar leitura sem a presença de som para a reprodução dos pergaminhos, a fim de manter a integridade das informações contidas nas cópias. Posteriormente a leitura silenciosa passa a compor a rotina das universidades, passando a compor uma realidade de leitores solitários e individualistas.

Nos séculos seguintes até a contemporaneidade, constata-se que a prática social da leitura segue via silenciosa, ampliando exponencialmente o contingente de leitores, alfabetizados e letrados, cada vez mais individualistas e solitários. A prática social da leitura em voz alta passou a segundo plano, reservada para finalidades de caráter mais utilitário, como, por exemplo, no processo ensino-aprendizagem, na mídia e nas manifestações lúdicas e artísticas (NUNES, 2007, p. 164-165).

Diante de tantas transformações tecnológicas, sociais e educacionais, percebe-se que a biblioteca possui culturalmente características que a identificam. Dentre elas podemos destacar o império do silêncio, atendentes carrancudos (difícilmente este é um bibliotecário), livros empoeirados e codificados. Essa é a realidade de muitas bibliotecas, nas escolares uma das atividades que mais comprometem a relação dos alunos com a biblioteca é o uso do ambiente como local para punição.

Biblioteca escolar é um setor indispensável no ambiente educacional, é possível encontrar na literatura vários autores que versam sobre sua contribuição no processo de ensino aprendizagem, assim como a importância da gestão de coleções

para atender o público infantojuvenil. Ao mesmo tempo em que são abordadas questões sobre a valorização profissional, onde o bibliotecário é quem possui as qualificações esperadas e necessárias para gerenciar esse ambiente informacional, assim como a precariedade de muitas bibliotecas.

Percebe-se que muito se tem falado acerca da biblioteca escolar, como sua importância e contribuição enriquecedora. Para as instituições que dispõem de uma biblioteca em sua totalidade, compreende-se que:

Neste aspecto a biblioteca saiu das quatro paredes, deixando de ser um castelo fechado em si mesmo e abrindo para a democratização do saber, a construção do conhecimento, transformando-se em um amplo espaço de aprendizagem e de compartilhamento e um prazeroso ambiente de mediação e de interação entre os sujeitos no cenário educacional (MORO, et al., 2011, p.13).

A biblioteca escolar tem um impacto relativamente grande na vida dos alunos, pois “compreende-se que a biblioteca bem estruturada e equipada pode se transformar numa forte aliada no processo ensino-aprendizagem,” (GARCEZ, 2008, p. 38), deste modo entende-se que participação da biblioteca em conjunto as atividades escolares, obtém resultados positivos no que diz respeito ao desenvolvimento educacional e moral das crianças e adolescentes. A contribuição do bibliotecário atuando no ambiente da biblioteca escolar é notável, pois o mesmo irá identificar a necessidade do público, levando em consideração a especificidade de cada indivíduo.

Existe uma predisposição cultural em associar a biblioteca a um local restrito, cabível apenas a leitura silenciosa, estudos particulares e monótonos, onde é ilícito conversar, ouvir música, criar e se divertir. Essa predisposição cultural pode ser percebida nos filmes, séries e desenhos animados, o filme “Universidade monstros” produzido pela Disney é um exemplo clássico de como o bibliotecário é muitas vezes visto pela própria comunidade.

**Figura 2:** Bibliotecária do filme “Universidade monstros”



Fonte: Blog É o ultimo eu juro. Disponível em:< <https://oultimojuro.com/category/fala-bibliotecaria/>>. Acesso em: 05 de mar. 2018.

A figura 2 retrata a imagem de uma bibliotecária que não permite conversas, ruídos e barulhos no ambiente, e quem não cumprir as normas dela sofre uma punição. Trazendo para a realidade escolar, é possível que já tenham visto o bibliotecário da mesma forma que o filme retrata. Embora se tratando de uma animação para entretenimento infantil, essa cena faz a propagação cultural da predominância do silêncio na biblioteca.

Frases como: “Aqui é a casa dos livros, é preciso fazer silêncio!”, são exemplos do tipo de instrução que crianças e adolescentes costumam receber quando passam a frequentar o ambiente da biblioteca.

O discurso dominante acerca do silêncio dentro da biblioteca o coloca dentro de uma perspectiva positiva, segundo a qual o



silêncio é essencial para que ocorra o fluxo das atividades do cotidiano e que sem ele é como se não tivéssemos uma real biblioteca, ele acaba por ser entendido como indispensável para garantir a leitura e, com base nessa ilusão, tornou-se hábito o uso das famosas placas de silêncio em suas mais variadas formas, cores, principalmente na escola (BASTOS; PACÍFICO; ROMÃO, 2011, p. 623).

A imposição do silêncio, considerando que ele é primordial para a aquisição de conhecimento é errônea, o silêncio não deve ser imposto no ambiente da biblioteca de forma que limite a interação e a construção do saber. A biblioteca deve proporcionar um espaço em que seu público sintam-se confortável, e possa usufruir das fontes informacionais ali dispersas, levando em consideração o respeito ao próximo.

Nota-se que a biblioteca não se restringe mais a um ambiente fechado, ela deixa de ser uma espécie de guardiã, para ser um ambiente de interação, onde o individualismo não lhe é mais característica de identificação. As mais diversas fontes de informação enriquecem o ambiente, propiciando o compartilhamento, a valorização do ser social, das trocas e da construção coletiva do conhecimento.

É indispensável lembrar que cada pessoa reage de forma peculiar diante de determinada situação. Quando tratamos de crianças e adolescentes entende-se que ambos possuem uma vivência de mundo, de modo que tendem a relacionar memórias, sons e imagens, com experiências boas e ou ruins, dando origem aos gostos e preferências. A particularidade desse público é algo que se modifica constantemente, conforme vão adquirindo interesses e identificações sua necessidade informacional pode sofrer alterações.

Não se pretende aqui propor a extinção do silêncio nas bibliotecas, este estudo abrange uma proposta de desconstrução cultural do silêncio como elemento padrão, característico e primordial da biblioteca. A biblioteca escolar é tida como uma extensão da sala de aula, cujo ambiente sob o gerenciamento de um bibliotecário, é capaz de proporcionar aos alunos a oportunidade de desenvolver habilidades, aprimorar sentidos, ampliar relações sociais, fortalece o senso crítico, além de permitir a construção de passagens secretas para um mundo de mistérios, diversão e conhecimento.

A presença ou a exclusão do silêncio não pode garantir que ocorra a construção de novos saberes, contudo a sua imposição como regra para frequentar e utilizar o ambiente e os recursos da biblioteca tem ocasionado no afastamento de

peessoas que desejam interagir, que buscam trocas sociais a fim de agregar novas aprendizagens. O ser social é ativo, o mesmo busca comunicar-se e integrar-se a novas oportunidades de adquirir e difundir competências. Limitar ou impossibilitar que essas ações ocorram na biblioteca é infligir à essência dessa instituição, nela não predomina mais o vazio, o silêncio, o mórbido, a poeira, o ser individual, passa a existir uma cadeia de colaboração entre a biblioteca e aqueles que a utilizam.

Silva e Abreu (1999) trazem em sua obra uma reflexão acerca da informação, onde afirmam que ela não deve ser taxada de acordo com o seu suporte físico, no entanto ela será processada de diferentes formas e maneiras, sendo absorvida conforme a necessidade de quem a busca. Particularmente todo indivíduo possui em si necessidades informacionais, de maneira que quando uma é tida como concluída, o ser humano tende a buscar novas questões, pensamentos e argumentos. A carência de conhecimento tem levado muitas pessoas a frequentarem espaços como teatros, museus e bibliotecas, com o propósito de expandir novos horizontes.

Com base neste cenário, as bibliotecas escolares não podem considerar-se e conceber-se apenas como meros recursos de incentivo à leitura e/ou como um qualquer meio aleatório que, devidamente utilizado contribuirá apenas para resultados positivos no processo de ensino, descurando, nesta perspectiva, o aspeto do desenvolvimento do cidadão como elemento dinamizador da sociedade, que precisa de um conjunto de competências que se situam além do objetivo “incentivo à leitura” (GRACIOSO, 2006, p. 12).

Deste modo a biblioteca é o setor responsável por permitir o fluxo informacional, gerenciando as fontes e os recursos de produção de conhecimento, a fim de que seu público possa ser atendido de forma eficaz. Numa época em que a interação social, a contribuição e o compartilhamento são elementos essenciais para a promoção da biblioteca e do profissional, é importante que o bibliotecário invista em recursos voltados ao marketing do setor, buscando visibilidade e investimento dos gestores da instituição.

A biblioteca escolar não deve ser voltada estritamente para as necessidades das crianças e adolescentes. É preciso estar preparada para também atender o corpo de colaboradores da instituição, que completam o público real da biblioteca, os pais e ou responsáveis assim como as demais pessoas externas à escola são tidos como público em potencial.

Desconstruir é traçar meios de construir algo novo, é tornar possível a transformação, é adaptar-se conforme a necessidade. A visão da biblioteca como lugar regado ao silêncio predominante é um aspecto cultural que precisa ser desconstruído, essa desconstrução incorpora e realça a verdadeira essência da biblioteca, a qual deve impactar a vida dos alunos e colaboradores da instituição.

#### **4 INTERAGENTES E A CONEXÃO SOCIAL: educando alunos e colaboradores**

A biblioteca escolar tem a missão de dar suporte à sala de aula, garantindo a democratização da leitura, assim como diminuição das diferenças, atuando como agente de interação social. Ao bibliotecário compete às qualificações e o preparo para administrar a biblioteca e os respectivos serviços, deste modo, é importante ressaltar que a presença desse profissional no cotidiano da biblioteca é essencial, para que haja o direcionamento correto quanto ao atendimento e orientação, a fim de atender as necessidades informacionais dos alunos e colaboradores.

Embora que constatada a magnitude da biblioteca escolar, existem questões que precisam ser repensadas frequentemente pelo bibliotecário, tais como: Qual o perfil atual do meu público? Houve mudanças comportamentais? Quais necessidades foram detectadas? Como essas mudanças refletem no ambiente da biblioteca? Quais atitudes tomar? Quais competências é preciso desenvolver? Essa análise é realizada por meio de pesquisas de satisfação, interesses, entrevistas, observação de hábitos, reclamações e sugestões, esse tipo de observação é conhecido no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação como Estudo de Usuário.

Em outras palavras usuário é aquele que usa a biblioteca, seus recursos de informação, ou quaisquer que sejam os serviços que estiverem disponíveis nesse ambiente. A conotação da palavra usuário carrega consigo uma ideia de unilateralidade, pois deixa implícito que a pessoa chega à biblioteca e simplesmente faz uso (intenso ou não) daquilo que lhe é oferecido. Entra, usa e sai. A troca, criatividade, a invenção, a interação e a intervenção não ficam explícitas no termo (CORRÊA, 2014, p. 27).

A professora Elisa Corrêa traz em sua pesquisa intitulada “Usuário, não! Interagentes: proposta de um novo termo para um novo tempo” a sugestão de um novo termo para renomear o público das unidades de informação. Ela defende a ideia de que o uso dessa nova nomenclatura passa a descrever melhor o sujeito enquanto participante do ambiente da biblioteca, deixando de lado o fator constituído apenas pelo acesso e uso da informação e serviços, passando a aderir conectividade, interatividade, criação, colaboração e inovação.

Em seu livro David Lankes (2012) propõe o pensamento sobre uma nova biblioteconomia, alavancando questões reflexivas, tais como a real função da

biblioteca e do bibliotecário. O que nos leva a analisar o modo como vemos a biblioteca e seus objetivos, constantemente avistamos discussões acerca da elaboração de métodos para tratamento do acervo, do ambiente arquitetônico, softwares assim como o gerenciamento dos mais diversos serviços biblioteconômicos.

Percebe-se que um de seus objetivos é dar visibilidade e direcionar o bibliotecário para um caminho que transforme a visão profissional e social a respeito das bibliotecas. As quais são apresentadas pelo autor como ambientes físicos ou virtuais que disponham de ferramentas e mecanismos capazes de permitir as comunidades acesso aos recursos necessários para que ocorra a construção de conhecimento. Essa construção é um elemento de transformação, seja pessoal de cada indivíduo, ou em grande escala, como a capacidade alcançar modificações sociais, econômicas, educacionais em comunidades.

A figura 2 mostra um modelo de relacionamento entre a biblioteca e a comunidade, desenvolvido com base nas reflexões de Lankes, partindo da ideia que a biblioteca tem como objetivo servir a comunidade na qual está inserida, deste modo entende-se que os serviços, as estratégias de busca, as competências e habilidades desenvolvidas pelo bibliotecário afetam diretamente a comunidade.

Figura 2: Modelo de Relacionamento entre a biblioteca e a comunidade.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Esse modelo exemplifica uma abordagem sobre a percepção de ligação entre a biblioteca e a comunidade, onde ela é o foco das ações, serviços, objetivos e planejamentos. Com a presença desses aspectos na biblioteca escolar, teremos a compreensão de que cada elemento é primordial e ambos se interligam criando uma rede de colaboração.

Quadro 1: Descrição dos elementos que compõe o relacionamento biblioteca escolar e a comunidade.

<b>SEGURANÇA INTELECTUAL</b>	Ofertar e manter um ambiente que assegure que as crianças e adolescentes possam questionar, criticar, expor pensamentos e conhecer coisas novas.
<b>ACESSO ÀS FONTES INFORMACIONAIS</b>	Direcionar para o acesso de fontes seguras e confiáveis é primordial, assim como levar em consideração as especificidades de cada interagente, os quais podem desfrutar de informações presentes nos diversos suportes, seja no meio digital, acessando blogs, vídeos, sites, bases de dados, e-books ou no meio físico com materiais impressos, podendo ser livros, revistas, cordéis, dentre outros.
<b>CAPACITAÇÃO</b>	É importante que o treinamento dos interagentes ocorra periodicamente, disponibilizando estratégias de buscas, acesso e uso dos recursos que a

	biblioteca dispõe.
<b>ESTÍMULO À CRIAÇÃO</b>	Estimular, provocar, propor e instigar. Ações que se utilizadas da forma correta na biblioteca escolar, em parceria aos professores podem resultar em efeitos positivos, refletindo diretamente na construção de saberes, desenvolvimento de ideias e habilidades.
<b>CONEXÃO</b>	A união desses elementos, somado às relações de trocas, interação, colaboração e construção social promove a conexão da biblioteca com a comunidade.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Considerando toda a escola como interagentes, surge a necessidade de traçar meios para reeducar quanto ao modo de uso da biblioteca, construindo um conceito próprio para a instituição, transformando a visão com relação às limitações culturais presentes na sociedade. Desenvolver uma rede de colaboração em conjunto com os interagentes permite potencializar e alavancar comunidades, aprimorando e desenvolvendo relações e interesses.

O bibliotecário deve criar parcerias com os professores e gestores da instituição, traçando projetos a fim de apresentar as possibilidades que a biblioteca é capaz de alcançar, tornando-se um centro inovador de desenvolvimento intelectual, disseminação informacional e cultural. O primeiro passo é tornar perceptível a importância e a contribuição da biblioteca, tornando-se mais presente no cotidiano da instituição.

Educar a comunidade sobre quais são as melhores formas de utilizar o ambiente e constituir uma biblioteca que atenda a necessidade de todos pode

acontecer por meio de reuniões com os colaboradores, a criação de cartazes e folhetos informativos. Desenvolver rodas de conversas com os alunos, e mostrar as possibilidades de atividades que podem realizar na biblioteca, irá despertar interesse e curiosidade, assim como quais são as atitudes e comportamentos esperados para a boa convivência. As estratégias de educação devem ser pensadas diante da realidade da instituição, buscando envolver as crianças e adolescentes.

As ações culturais são mecanismos que auxiliam na dinamização do ambiente, assim como contribui para o marketing profissional e do setor. O bibliotecário deve buscar meios de conhecer sua comunidade, a fim de identificar oportunidades e investir nesses fatores. A partir do momento em que houver um ciclo de troca e colaboração entre a comunidade a conexão será possível.



## **5 TRILHA METODOLÓGICA**

O uso da metodologia científica nas pesquisas atua em conjunto com as teorias, fortalecendo os estudos, auxiliando a análise e a compreensão dos dados obtidos. Minayo (2001, p.16) “entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” compreende-se assim que ela é indispensável para o bom andamento e veracidade da pesquisa.

Prodanov e Freitas completam esse pensamento dizendo que. “a metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observadas para a construção do conhecimento” (2013, p.14). Entende-se, portanto que os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa têm por objetivo trazer uma análise real, dos dados alcançados, buscando a sua interpretação a fim de contribuir com a produção científica no que concerne os estudos acerca da biblioteca escolar.

### **5.1 Caracterização da pesquisa**

No que concerne à natureza esta pesquisa é tida como descritiva, para Gil (2002) este tipo de pesquisa busca descrever as características de determinada população, cuja coleta de dados é realizada mediante o uso de técnicas padronizadas como a aplicação de questionários.

Com relação aos procedimentos técnicos, é considerada de cunho bibliográfico e participante. Entende-se como bibliográfica por ter sido realizado um levantamento histórico, fundamentado nas literaturas que versam sobre o empoderamento das comunidades ao longo dos anos por meio das bibliotecas, assim como a origem e disseminação da cultura do silêncio e sobre a conexão da biblioteca com os interagentes do ambiente escolar.

A pesquisa participante “caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas” Gil (2002, p. 55). Minayo (2001) destaca a importância desse tipo de pesquisa, afirmando que ela permite identificar e analisar uma variedade de fatos que não são descritos nos questionários.

### **5.2 Tipo de abordagem**

Quanto à abordagem, a pesquisa é tida como qualiquantitativa. Minayo (2001) diz que a abordagem qualitativa e a quantitativa se completam, de modo que a

qualitativa trata das realidades não quantificáveis, e sim do “mundo dos significados das ações e relações humanas”. Já a abordagem quantitativa baseia-se na análise e quantificação dos dados, por meio de equações, gráficos e estatísticas.

### **5.3 Campo de pesquisa**

O campo da pesquisa foi a escola Maple Bear - João Pessoa, localizada na Av. Fernando Luiz Henriques dos Santos, Jardim Oceania na cidade de João Pessoa - PB.

### **5.4 Coleta dos dados**

A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário composto por 5 questões objetivas e subjetivas. O questionário foi desenvolvido partindo da observação comportamental dos professores e alunos da instituição. Buscou-se identificar a visão dos professores sobre a biblioteca, a fim de detectar oportunidades de atuação e formas para educar sobre o uso do espaço informacional, fugindo dos aspectos culturais tradicionais.

Os questionários foram aplicados com 5 professores do Ensino Fundamental I, que lecionam do 1º ao 5º ano. A aplicação foi feita no período de 26 e 27 de fevereiro de 2018, após consentimento e apoio da direção da instituição.

### **5.5 Procedimentos de Análise**

A análise dos dados foi desenvolvida partindo das informações coletadas mediante a aplicação dos questionários, confrontando os dados com a literatura científica da temática em questão.

## 6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados e interpretados os resultados obtidos por meio da aplicação dos questionários.

Os 5 (cinco) professores que lecionam nas turmas do 1º ao 5º ano, responderam ao questionário contendo 5 questões, das quais as duas primeiras são subjetivas e as três últimas são objetivas. Cada professor respondente é indicado pela letra P.

Na primeira questão, os professores foram indagados se a presença do silêncio é um fator positivo ou negativo para a biblioteca escolar, 100% dos professores consideram que o silêncio é um fator positivo, expressando as seguintes respostas subjetivas acerca dessa questão.

*P1 “Positivo. A biblioteca é um local procurado para estudo e leitura, onde se é necessário concentração. Com isso, muitas pessoas necessitam de lugares silenciosos para concentração e melhor aproveitamento do estudo/leitura”.*

*P2 “Positivo. Desta maneira a concentração é mais válida e não há motivos para dispersar”.*

*P3 “Positivo. Acredito que ruídos, barulhos e conversas podem atrapalhar o estudo/ leitura de algumas pessoas”.*

*P4 “Positivo. O silêncio é muito importante e contribui para que os leitores se concentrem. O único momento em que falas serão bem - vindas são num momento que leitura coletiva/ em voz alta esteja sendo feita na biblioteca”.*

*P5 “Positivo. Acredito que há outras formas de se trabalhar com os alunos o momento dentro da biblioteca que fique mais interativo e prazeroso”.*

Embora os professores considerem que o silêncio na biblioteca é um ponto positivo, Bastos, Romão e Pacifico (2011) contrapõem dizendo que a necessidade do silêncio dentro das bibliotecas tem desenvolvido uma barreira que distancia os alunos/ leitores/ interagentes de uma relação unidade de informação, e a interação com a própria informação. Nesse sentido, é fundamental refletir acerca do que seria mais interessante e produtivo para os usuários.

Na segunda questão foi levantada a reflexão acerca da influência da mídia, em apresentar características que definem a biblioteca como ambiente individualista e silencioso, limitando sua participação no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Assim foram coletadas as seguintes respostas subjetivas:

*P1 “A biblioteca costuma ser um lugar para desenvolvimento e desempenho de ensino aprendizado, muitas vezes um lugar individualista, mas há a possibilidade de ser utilizado como um ambiente de estudo em grupo em áreas distantes das áreas de estudo individual para que todos tenham acesso e da forma mais cômoda”.*

*P2 “A contribuição é enorme, pois além de ser um lugar que todos têm acesso a estudar, também tem acesso a livros de diferentes assuntos e valores. Além de que países de primeiro mundo têm bibliotecas atrativas e que são realmente usadas e valorizadas”.*

*P3 “A escola pode promover atividades diferenciadas no espaço da biblioteca, desde que sejam programadas”.*

*P4 “A biblioteca pode ser um lugar para pequenas ações e eventos, por exemplo: produção de cartões de natal, eventos literários, exposição de projetos literários, conversas com autores convidados, etc”.*

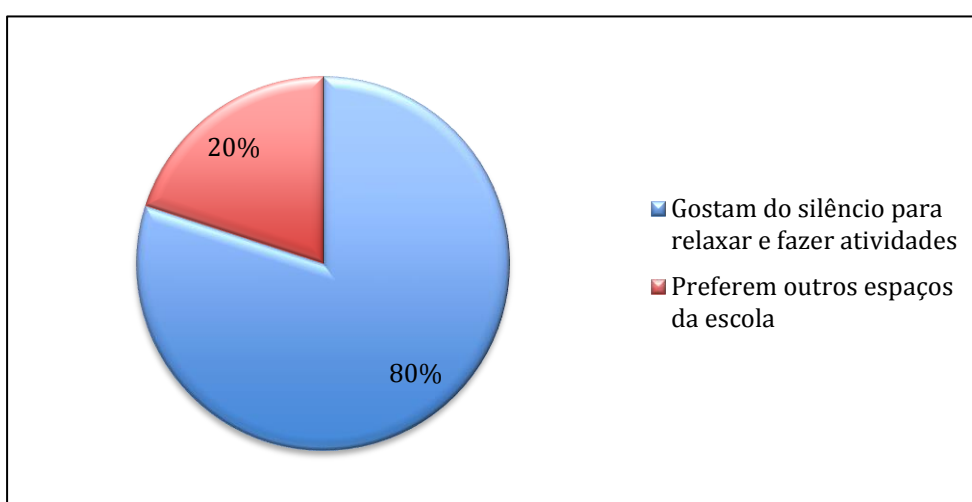
*P5 “Muitas vezes achamos que quando os alunos estão conversando estão apenas falando de assuntos que não são pertinentes em alguns momentos, principalmente em um ambiente como a biblioteca, porém na verdade podemos utilizar vários artifícios nesse ambiente, que não se faz necessário um ambiente tão “sério” como a mídia propõe”.*

Acerca desta discursão Ramalho (1988), enfatiza que é importante e essencial para a sobrevivência da biblioteca, desenvolver um plano de ação para atrair e interagir com público.

Na terceira questão, sendo ela objetiva os professores foram questionados sobre a necessidade e a importância sobre a reeducação no ambiente escolar, orientando as formas de utilizar a biblioteca da melhor forma. O resultado foi de 100%, todos os professores detectaram essa necessidade. Nesse contexto, Carvalho (1981) enfatiza a importância da educação, instrução e o direcionamento para o uso eficiente do acervo, das técnicas de pesquisa e uso do ambiente da biblioteca.

A questão de número 4 (quatro) buscou verificar qual a visão dos professores com respeito à reação dos alunos quando estão na biblioteca e são orientados a permanecer em silêncio. Como resultado pode-se perceber que conforme apresentado no gráfico 1, 80% dos respondentes acreditam que seus alunos gostam do silêncio da biblioteca para relaxar e fazer atividades, e 20% consideram que seus alunos não gostam, e preferem outro ambiente da escola sem tantas limitações.

**Gráfico 1-** Reação dos alunos diante do pedido de silêncio, conforme observação dos professores.

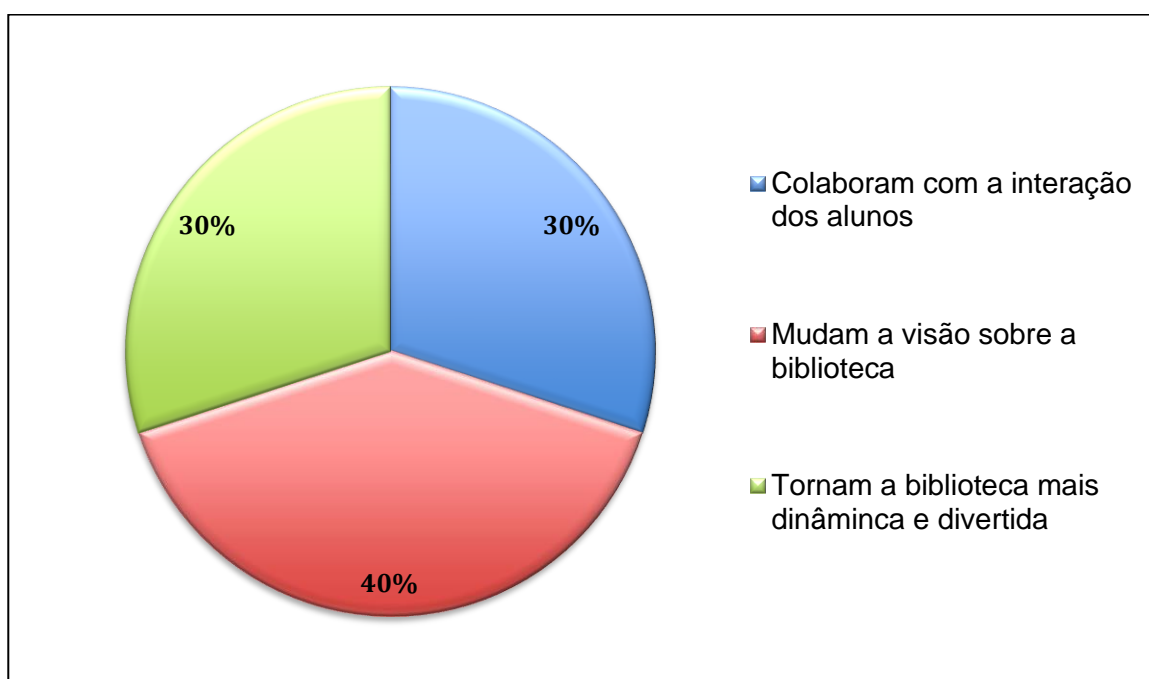


Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Acerca da propagação do silêncio na biblioteca, é importante levar em consideração a particularidade de cada comunidade, não podendo excluir aqueles que só gostam da biblioteca para descansar, nem afastar aqueles que gostam de se divertir, é preciso traçar meios para conciliar interesses e tornar a biblioteca um ambiente presente na vida dos alunos. Considerando esses fatores Ramalho (1988, p.87) diz que a disseminação “do estereótipo da figura de uma bibliotecária exigindo, antes de mais nada, silêncio absoluto na biblioteca” por meio dos veículos como filmes, desenhos e livros, exerce influência negativa sobre a dinâmica da biblioteca e a atuação do bibliotecário. Tal influencia resulta no afastamento e diminuição das visitas por esses alunos, assim como desenvolver um bloqueio na leitura.

Na quinta e última questão, os professores foram questionados acerca do resultado da realização de atividades na biblioteca como debates, dinâmicas, recitais de poesias e contação de histórias. Conforme demonstrado no gráfico 2, pode-se perceber que 40% dos respondentes, acreditam que as atividades podem mudar a visão acerca da biblioteca, 30% consideram que as atividades podem dinamizar o ambiente da biblioteca e os outros 30% veem como uma forma de desenvolver a interação entre os alunos.

**Gráfico 2-** Atividades como debates, dinâmicas, recitais de poesias e contação de histórias na biblioteca na biblioteca.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Acerca de ações de interação e conexões Pradro (2016, p.144) nos diz que “o conhecimento em si é dinâmico e muda diariamente. Se o conhecimento está em fluxo contínuo, portanto a biblioteca também precisa estar”, o autor nos permite refletir acerca das atividades que são desenvolvidas na biblioteca, de forma que o conhecimento pode ser construído e compartilhado por meio de outros canais além da leitura propriamente dita. Podendo auxiliar na dinamização do ambiente e na ligação entre alunos e a biblioteca.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de traçar meios para gerir o silêncio na biblioteca escolar, de maneira que o ambiente permaneça acolhedor e atenda a necessidade de cada participante da comunidade escolar, a pesquisa realizada com os professores do 1º ao 5º ano da Maple Bear - João Pessoa mostra que 100% dos professores consideram que o silêncio é um elemento essencial na biblioteca escolar. Um dos apontamentos principais feitos pelos entrevistados é que os alunos necessitam do silêncio para concentração e aproveitamento das leituras.

Os resultados mostram que a biblioteca é vista como um setor importante na instituição e que pode colaborar de forma mais participativa e atrativa. Outro ponto importante que pode ser observado foi o comum acordo com relação à necessidade de reeducação para uso eficiente do ambiente da biblioteca. Quando questionados sobre o impacto de atividades como debates, dinâmicas, contação de histórias e poesias no ambiente da biblioteca nota-se o interesse em tornar a biblioteca um local mais atrativo para as crianças.

Diante dos dados obtidos compreende-se que é limitado o conhecimento dos professores com relação às formas que a biblioteca pode contribuir no processo de ensino aprendizagem. Observa-se que o silêncio é importante para o desenvolvimento de certas atividades e momentos de leitura. Contudo a biblioteca atua em parceria a sala de aula e deve ser um ambiente acolhedor, sendo capaz de atender as diferentes necessidades da comunidade escolar como um todo.

Desta forma propõe-se a desconstrução do silêncio absoluto na biblioteca, com intuito de manter os aspectos positivos da prática do silêncio, e substituir os pontos negativos por uma nova abordagem. Tal ação ocorrerá por intermédio da reeducação dos interagentes, desenvolvendo atividades de conexão e interação em conjunto com os discentes da instituição. Desenvolvendo uma proposta para repaginar a imagem e os serviços da biblioteca, aderindo à ideia do aprendizado colaborativo.

O aprendizado colaborativo poderá ser trabalhado com os interagentes da biblioteca em momento estabelecido, sugere-se a elaboração do “Dia da criação” onde o ambiente da biblioteca será voltado para a conexão de interagentes, desenvolvendo atividades em conjunto, as quais podem ser pensadas em juntamente com os professores. Contudo o “dia da criação” será diferente dos dias

comuns na biblioteca, onde será possível interagir com música, por meio de debates, apresentações, artes, desafios e dinâmicas.

O “dia da criação” terá a função de proporcionar aos alunos o estímulo a criação, assim como a oportunidade de compartilhar ideias, experiências e construir um conhecimento coletivo, tornando a biblioteca um ambiente interativo e acolhedor. É vital levar em consideração a identidade da instituição, identificar e explorar oportunidades. Outro fator essencial para a eficiência da implantação de projetos é conhecer o público que se pretende alcançar, fazer pequenos testes e baseando-se nos interesses da comunidade escolar.

Tratando da educação da comunidade escolar, é necessário traçar estratégias para alcançar todos os membros e mostrar a importância da biblioteca para a instituição como um todo. Com relação à comunidade discente, é interessante conversar e expor o leque de contribuições que a biblioteca dispõe, assim como quais ações, atividades e projetos é possível desenvolver e agir em conjunto com a biblioteca. A educação da comunidade de interagentes infantojuvenil deve ser realizada diariamente, por meio de ações que retratem a inclusão, o respeito às necessidades e interesses do próximo; orientação sobre uso do acervo, do ambiente e serviços da biblioteca.

Para alcançar o setor administrativo à biblioteca pode disponibilizar por meio de e-mails informativos ferramentas que auxiliem o gerenciamento das atividades do cotidiano e a recuperação de informações, tornar conhecido que os serviços biblioteconômicos estão além das atividades técnicas de tratamento do acervo e atendimento. Aos demais colaboradores atividades de interação com a biblioteca e disponibilização de pequenas oficinas. Noções de conservação e preservação devem ser estendidas a toda comunidade escolar.

É importante que a escola trabalhe em conjunto com a biblioteca, desenvolvendo ações, projetos e parcerias que contribuam para realçar a importância da biblioteca na sociedade. Projetar a biblioteca além dos muros da escola por meio de projetos sociais, ambientais, artísticos e culturais estratégias que a instituição, afetando diretamente no marketing da escola. O envolvimento dos alunos com essas atividades

Com a realização deste trabalho foi possível compreender que características presentes no cotidiano das bibliotecas e dos bibliotecários como os “pedidos de silêncio”, se dão por fatores culturais. O fator em questão é considerado por muitos



educadores como primordial, contudo devem ser levadas em consideração as necessidades e as transformações da comunidade.

Salientamos que a realidade e a necessidade das bibliotecas escolares estão além de aparatos tecnológicos, e um acervo impecável. A biblioteca escolar é um centro cultural, de troca, ligações e conexões, assim como podendo ser considerada como um laboratório para imaginação, tanto do bibliotecário como daqueles que interagem com o ambiente. Desta forma enfatizamos a necessidade de estudos futuros acerca das possibilidades de conexões na biblioteca escolar e o aprendizado colaborativo.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. A. **A palavra e o silêncio**: biblioteca pública e estado autoritário no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2002. p. 99.

BASTOS, G. G. A.; ROMÃO, L. L. M. S.; PACÍFICO, S. M. R. Biblioteca escolar: espaço de silêncio e interdição. **Liinc em revista**, v. 7, n. 2, p. 621-637, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/11087>>. Acesso em: 28 Nov. 2017.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

CARVALHO, M. C. O. R. Educação de usuário em bibliotecas escolares: considerações gerais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 9, n. 1, p. 22-29, 1981. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/1735>>. Acesso em: 06 Mar. 2018.

CHARTIER, R. **Frenchness in the history of the book; from the history of publishing to the history of reading**. Worcester: American Antiquarian Society, 1988.

CORREIA, E. C.D. Usuário, não! Interagente. Proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 23-40, dez. 2014. ISSN 1518-2924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

FREIRE, G. H. A. et al. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, 2006.

GARCEZ, E. F. O bibliotecário nas escolas: uma necessidade. **Revista ACB**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 27-41, mar. 2007. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/492/634>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRACIOSO, L. (Coord.). **Bibliotecas escolares**: práticas alternativas. Araraquara: Junqueira & Marin, 2016. 269 p. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B1Wz6rvOphvvanZVLVlzTVBuRzg/view>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

LANKES, R. D. **Expect More**: Demanding Better Libraries for Today's Complex World. Cambridge, MA: MIT Press, 2012. Disponível em: <<http://www.newlibrarianship.org/>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

MARTINS, A. C. M. et al. Biblioteconomia e ciência da informação: uma análise paradigmática em bibliotecas públicas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 21, n. 3, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/22236>>. Acesso em: 29 Dez. 2017.

MARTINS, W. **A Palavra Escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIGI, V. J; SOUTO, L. R. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 189-206, jan. 2006. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

NERY, A. **Biblioteca escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. 108p. (Práticas Pedagógicas 3).

NUNES, C. O. L. Leitura na idade média: a ruptura com a oralidade. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 21, n. 1, p. 155-166, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/494>>. Acesso em: 16 Jan. 2018.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramaZero**, v. 5, n. 5, p. A03, 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/2048>>. Acesso em: 26 Dez. 2017.

PRADO, J. M. S. K. O currículo de salzburg para bibliotecários numa era da cultura da participação. **Informação em Pauta**, v. 1, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/23216>>. Acesso em: 29 Dez. 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo, Feevale, 2013.

RAMALHO, M. O. H. O silêncio na biblioteca escolar: necessidade ou mito?. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, v. 3, n. 1, p. 87-90, 1988. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/3489>>. Acesso em: 28 Nov. 2017.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropolis**, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007.

SANTA ANNA, J. Trajetória histórica das bibliotecas e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários: da guarda informacional ao acesso. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 138-155, jan. 2015. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1585>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

SILVA, H. P.; ABREU, A. F.. Considerações sobre o bibliotecário frente às tecnologias de informação. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 4, n. 4, p. 98-109, 1999.

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES DA MAPLE BEAR – JOÃO PESSOA

**1 Você considera que a presença do silêncio na biblioteca é um fator positivo ou negativo ? Justifique.**

---

---

**2 Os filmes, novelas, seriados e desenhos costumam apresentar a biblioteca como um lugar silencioso e individualista. Você considera que a biblioteca escolar pode contribuir de forma mais ativa, diferente do que a mídia costuma apresentar? Justifique.**

---

---

**3 Você julga que é necessário e importante que ocorra a reeducação no ambiente escolar, sobre como utilizar da melhor forma o espaço da biblioteca?**

( ) Sim      ( ) Não

**4 Quando peço silêncio durante a visita à biblioteca meus alunos costumam:**

- ( ) Ficar intimidados por não poderem dialogar e trocar experiências na biblioteca.
- ( ) Pedem para voltar para a sala de aula, ou outro espaço da escola sem muitas restrições.
- ( ) Gostam do silêncio da biblioteca para relaxar, ou fazer alguma atividade.

**5 Debates, dinâmicas, recitais de poesia e contação de histórias na biblioteca podem:**

- ( ) Colaborar com a interação social dos alunos.
- ( ) Mudar a visão sobre a biblioteca ser um lugar apenas para guardar livros e ler.
- ( ) Essas atividades não combinam com a biblioteca.
- ( ) Tornam a biblioteca mais dinâmica, animada e divertida.